

EDITORIAL

Na tentativa de manter a qualidade da “Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade” (PDRES), dos cursos de Pedagogia e Ciências Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) - Campus de Naviraí (CPNV), por meio da publicação de dossiês temáticos e de um rigoroso respeito à periodicidade, apresentamos neste segundo número de 2022 o dossiê “Atuação de professores homens com crianças: educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental”.

Trata-se de uma temática que tem sido estudada pelos integrantes do Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE) desde o ano de 2012. Devido à relevância do tema e à necessidade de reunir estudos sobre a docência masculina, nas etapas iniciais da educação básica, planejamos a publicação de um dossiê temático, o qual se concretiza neste número de PDRES.

Embora tenham sido submetidos diversos manuscritos para o referido dossiê, após o processo de avaliação às cegas, apenas 14 artigos foram aprovados, sendo 11 deles com discussões voltadas para a educação infantil e os 3 outros com discussões referentes aos anos iniciais do ensino fundamental. Este número da revista conta ainda com 10 artigos de demanda contínua, cujas temáticas são inerentes à inclusão escolar, pandemia, violência sexual, saúde dos professores, entre outras. Os 24 artigos publicados são de autoria de pesquisadores oriundos de todas as regiões do Brasil, sendo elas:

- Centro-Oeste 7;
- Sudeste 6;
- Nordeste 5;
- Norte 3;
- Sul 3.

As instituições de origem das autoras e dos autores são igualmente diversas, incluindo: universidades federais, universidades estaduais, faculdades privadas e redes municipais e estaduais de ensino, além de uma universidade internacional, a de Örebro na Suécia. Na sequência, são apresentados os títulos dos artigos, a autoria e noções acerca das temáticas abordadas em cada manuscrito.

O primeiro artigo, intitulado “Educadores Homens na Educação Infantil: revisão sistemática da produção mundial de artigos empíricos”, é de autoria de Dalila Castelliano de Vasconcelos, Larissa Kelly Vasconcelos Cavalcanti, Lívia Chaves Nascimento e Maria Natânye Silva de Souza, todas da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no Estado da Paraíba. A pesquisa realizada nas bases de dados Periódicos CAPES, PubMed, *SciELO* e *Web of Science*, até o



ano de 2020, evidenciou que o interesse pelo tema é recente, em 2015 teve mais pesquisas sobre a temática, mas nos anos seguintes diminuiu consideravelmente.

“A produção acadêmica brasileira sobre homens na educação infantil no período de 2019 a 2021” é o título do artigo escrito por Lenira Haddad e Claudia Denise Sacur Marques, ambas da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). A busca foi feita nas bases de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, onde foram encontradas um total de 18 produções acadêmicas, sendo 17 dissertações e uma tese, as quais foram analisadas a partir de quatro categorias: estranhamento, estereótipos e preconceitos, trajetórias e estratégias e relações de gênero.

Dando continuidade, apresentamos o artigo “Usos e abusos do conceito de gênero nas publicações recentes sobre homens na educação infantil”, de Sandro Vinicius Sales Santos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Marcia Buss-Simão da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Joaquim Ramos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ao analisar o dossiê temático “Professores Homens na Educação Infantil: dilemas, tensões, disputas e confluências”, publicado pela Revista Zero-a-Seis, da UFSC, em 2020, foram identificados diversos equívocos no emprego do conceito de gênero, o que aponta para a necessidade de aprimoramento conceitual nas pesquisas sobre professores homens na educação infantil.

A temática inerente as masculinidades, constitui a pesquisa de Cíntia De Paula Borges Menezes, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) Campus de Três Lagoas (CPTL). A autora escreveu o artigo intitulado “Professores homens na educação infantil: masculinidades, docência e desconstrução de lugares fixos”. Ao investigar os docentes do gênero masculino que trabalham com bebês e crianças na rede municipal de Campinas/SP foi constatado que o ingresso de homens na educação infantil, ao mesmo tempo em que é atravessado por preconceitos e estranhamentos, contribui para romper com a expectativa e os estereótipos de gênero no contexto da comunidade escolar.

Um dos entraves para a atuação de docentes do gênero masculino na educação infantil refere-se ao binômio cuidar e educar, visto que essa função é considerada como atividade feminina. É justamente esta a temática discutida por Leonardo Felipe Gonçalves Duarte, Rodrigo Gonçalves Duarte, Roberto Gimenez e Ida Carneiro Martins, todos/as da Universidade Cidade de São Paulo (UNICID), no manuscrito “O cuidar e o educar realizado por professores homens na educação infantil: desafios de um cenário feminilizado”. Por meio da análise de artigos publicados sobre a temática foi identificado que, independentemente do gênero do corpo docente, o professor que tenha a formação para atuar na área pode desenvolver as atividades inerentes ao cuidar e educar na educação infantil.

Da Região Norte do país, os pesquisadores Raimundo José Pereira da Silva e Eliúde Costa Pereira, ambos da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA),

se propuseram a “Pensar à docência masculina na educação infantil a partir dos estudos culturais em educação”. Ao realizar uma pesquisa bibliográfica, amparada em autores nacionais, foi evidenciado que a atuação docente masculina na educação infantil ocorre em meio a intensas discussões associadas ao feminino, à maternidade e à vocação. Tais concepções reforçam a predominância da presença de mulheres na educação e no cuidado com as crianças pequenas.

O artigo cujo título é “Homens na educação infantil: gênero como marcador da condição docente”, escrito por Rayffi Gumerindo de Souza, Kátia Patrício Benevides Campos e Maria Eulina Pessoa de Carvalho, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), analisa a experiência de um dos autores como professor de educação infantil. O estudo aponta que a atuação docente masculina pode contribuir com a ampliação dos modos de sociabilidade e com a ruptura das relações de desigualdade de gênero, possibilitando, assim, a construção de percursos menos sexistas e mais igualitários na escola e na vida.

Os pesquisadores Ricardo Gonçalves de Souza, da Universidade de Örebro, na Suécia, e Wesley Lopes da Silva, da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e da Faculdade FAMART, são autores do manuscrito “Expectativas e tensões sobre a presença de homens educadores na educação infantil: uma breve revisão de estudos internacionais”. Mediante a realização de uma pesquisa em que foram analisados 100 artigos científicos, indexados em várias revistas internacionais, com predominância para a língua inglesa, constatou-se que os professores homens precisam superar as barreiras sociais para entrar e permanecer na profissão e, assim, eles buscam estratégias para minimizar as desconfiças e receios a que estão comumente submetidos.

Alguns “Apontamentos iniciais acerca da presença de profissionais homens na educação infantil no Brasil, Estados Unidos e Inglaterra” foram propostos por Irene Silva de Abreu e Josiane Peres Gonçalves, ambas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). O estudo bibliográfico apontou que, não obstante as múltiplas determinações que sustentam o predomínio de mulheres em creches e pré-escolas, as políticas públicas precisam intensificar o combate à segregação de gênero no âmbito da educação infantil, a fim de favorecer a novas formas de sociabilidades, as quais são pautadas pela diversidade, pelo respeito e pela igualdade de gênero.

O artigo escrito por Eivaldo Bezerra, da Rede Municipal de Ensino de Dourados/MS e Maria José de Jesus Alves Cordeiro, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), intitulado “Atuação de homens na educação infantil: desafios e possibilidades da profissão docente”, buscou analisar a situação dos professores homens na docência da educação infantil, demonstrando as principais dificuldades e desafios que enfrentam no desenvolvimento de suas funções. O estudo apontou que a sociedade, os pais ou responsáveis e as instituições educativas não aceitam completamente que homens atuem como professores na educação infantil e, quando isso acontece, as atividades desempenhadas são limitadas, além disso esses profissionais sofrem inúmeras discriminações.

Da região Sudeste, o artigo "Gênero e atividade docente: as dificuldades de professores homens no trabalho com crianças", de Diego Bacellar Souza e Andrea Sonia Berenblum, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), buscou problematizar o gênero dentro das escolas, partindo da inquietação sobre as dificuldades de professores homens na educação infantil. Mediante a realização de pesquisa bibliográfica, o estudo apontou para a necessidade de ampliar as discussões sobre a temática, a fim de que a docência seja exercida por profissionais qualificados, independentemente do gênero feminino ou masculino.

No que tange a atuação de docentes do gênero masculino no ensino fundamental, Luis Fernando Martins Lopes, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) - Campus de Três Lagoas (CPTL), apresenta o artigo intitulado "Levantamento das produções *Stricto Sensu* que tematizam os profissionais docentes homens nos anos iniciais do Ensino Fundamental I: masculinidade(s) e docência". O autor percebeu que não há muitos estudos nacionais específicos sobre a temática e que é necessário ampliar as discussões sobre as mais diversas formas de construção da identidade do profissional docente homem, independentemente da raça, do gênero, da classe e/ou da religião.

A pesquisa que resultou no artigo "Homens no magistério: à docência nos anos iniciais do ensino fundamental em escolas públicas do município de Cruzeiro do Sul / AC", de Maria Irinilda Bezerra, Giane Lucelia Grotti e Evardson Souza Lima, da Universidade Federal do Acre (UFAC), identificou que existem poucos professores homens nos anos iniciais do Ensino Fundamental lotados em escolas de zona urbana, se comparados com a grande proporção de mulheres ocupando estes cargos. Mas, na zona rural, onde predomina o ensino multisseriado, este número se mostra mais equilibrado. Os profissionais do gênero masculino não demonstram passar por grandes dificuldades no magistério e se mostram preparados para exercer a docência nas etapas de ensino para as quais foram formados.

O último artigo do dossiê temático, de autoria de Wanderson William Fidalgo de Sousa, José Gomes da Silva Filho e Fábio Soares da Costa, todos da Universidade Federal do Piauí (UFPI), intitula-se "Reflexões do homem na profissão docente: por uma decolonização do corpo masculino". Para a realização da pesquisa foi utilizado o método (auto)biográfico, para identificar e analisar as vivências de um dos autores no Atendimento Educacional Especializado (AEE), em uma escola estadual de Teresina/PI. A experiência proporcionou a construção de saberes significativos ao processo de formação docente, mas desvelou algumas barreiras sociais no que tange às relações de gênero, evidenciando que a formação de professores deve contribuir para contornar os entraves advindos das normas binárias presentes na cultura escolar.

As nove publicações de demanda contínua são iniciadas pelo artigo de Ana Paula Huçalo, da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Daniela Cecilia Grisoski, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Claudio

Shigueki Suzuki, da UNICENTRO, cujo título é a “Prevenção à violência sexual infantil: um relato sobre as ações desenvolvidas com trabalhadores da educação em um município de pequeno porte em alusão ao 18 de maio”. O estudo é fruto do relato de experiência das intervenções desenvolvidas pela rede de proteção à violência, composta por profissionais das Secretarias Municipais de Assistência Social, Saúde e Educação de um município de pequeno porte do Estado do Paraná. Em relação à data de 18 de maio, é uma referência ao dia nacional do combate ao abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes. As atividades realizadas buscaram sensibilizar a sociedade, desmistificando pré-conceitos e possibilitando maior número de denúncias e, por conseguinte, o atendimento especializado às vítimas de violência infantil.

O manuscrito intitulado “A percepção de estudantes frente às novas demandas educacionais no contexto pandêmico: um estudo de caso no estado do Rio Grande do Sul”, de Julian Silveira Diogo de Ávila Fontoura, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), apresenta o resultado de uma pesquisa realizada com jovens estudantes da Rede Pública, que opinaram sobre a implementação e o desenvolvimento do ensino-remoto emergencial, no contexto da pandemia do novo coronavírus. O estudo apontou para o predomínio de um complexo cenário de efetivação do direito à educação, o que resultou na potencialização das vulnerabilidades e desigualdades presentes no espaço escolar, sobretudo pela falta de acesso às tecnologias por parte dos estudantes.

Os três próximos artigos discutem temáticas relacionadas à educação especial, sendo iniciada pelo manuscrito “Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a empregabilidade: entre a formação e a inclusão” de autoria de Adriana Silvino de Araújo e Jakson Luis Galdino Dourado, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). A partir da revisão bibliográfica, verificou-se as lacunas existentes entre a formação e a contratação, devido a formação educacional condizente com as demandas do mercado, a qualificação de pessoas com TEA às vagas disponibilizadas e a viabilidade das organizações de se adequarem às necessidades desse público, confirmando que as pessoas com TEA enfrentam dificuldades para se inserir no mercado de trabalho, apesar de alguns avanços identificados.

O processo de inclusão nas universidades foi abordado por Claudovil Barroso de Almeida Júnior, docente da Rede Estadual de Ensino do Amapá, que escreveu o artigo “Acesso e permanência de pessoas com deficiência física neuromotora/paralisia cerebral no ensino superior”. A pesquisa apontou que as pessoas com DFN/PC já entram na universidade com defasagens educacionais, as quais ficam ainda mais acentuadas devido a esse nível de ensino ser bastante excludente. Entretanto, reitera-se a importância de ações de acessibilidades reais nas instituições de ensino superior, visando a inclusão das pessoas com DFN/PC, a fim de que elas possam ser, estar, viver e conviver plenamente com suas subjetividades e diferenças numa perspectiva inclusiva.

A educação superior e a deficiência foram o tema do artigo intitulado “O percurso formativo no ensino superior de um tradutor/intérprete de Libras com deficiência: autobiografia como uma abordagem de investigação”, de autoria de

Janaina Cabello e Vinicius Cardoso Sabino, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). O estudo baseia-se nas experiências do primeiro autor durante o percurso universitário de formação como tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras), sendo destacadas algumas (im)possibilidades e dificuldades formativas de um intérprete de Libras com deficiência no âmbito da universidade.

Os/as profissionais da educação são o foco da pesquisa intitulada "Comportamento sedentário e qualidade de vida de professores da Educação Básica", desenvolvida por Gildiney Penaves de Alencar, Joel Saraiva Ferreira, Fabiana Maluf Rabacow, Elenir Rose Jardim Cury e Alexandra Maria Almeida Carvalho, da Faculdade de Medicina (FAMED) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). O estudo realizado com 142 professores de oito escolas municipais de Campo Grande / MS apontou que os docentes passam em média 270 minutos sentados em um dia de semana e 360 minutos em um dia de final de semana. Os maiores escores de qualidade de vida foram encontrados em docentes com experiência profissional superior a 14 anos, que lecionam por até 20 horas semanais e passam menos tempo sentados em um dia de semana.

Dando continuidade aos artigos de demanda contínua, a pesquisa realizada por Alessandra Cristina Rodrigues, da Secretaria Municipal de Educação de Itaberaí em Goiás e Cléia Renata Teixeira de Souza, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), resultou no artigo intitulado "Educação e democracia no ambiente escolar". Por meio da colaboração de teóricos da democracia e da educação, como, por exemplo: Norberto Bobbio, John Dewey e Anísio Teixeira, o estudo aponta caminhos possíveis para que a escola se redescubra enquanto espaço do saber e laboratório de democracia.

"O processo de emancipação do ser humano sob o foco de três diagnósticos de época" é o título do estudo realizado pela pesquisadora Stefania Fachina, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), que analisa os seguintes conceitos: a) Iluminismo em Kant; b) Esclarecimento em Adorno e Horkheimer; e c) Ecologia de saberes em Santos. Evidencia-se que nas três vertentes supracitadas, é perceptível o conhecimento conforme suas perspectivas filosóficas: a kantiana que valoriza o uso da razão, os filósofos da Escola de Frankfurt que valorizam a crítica e a proposta de Santos que considera a pluralidade de saberes.

As pesquisadoras Rita de Cássia Fraga da Costa e Taiza Mara Rauen Moraes, da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), desenvolveram uma pesquisa com pessoas idosas, o que resultou no manuscrito "Artesanias de uma experiência narrativa tecida com imagens de si". Foram realizadas seis oficinas de artesanias, com 11 idosos, em um Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), as quais resultaram em um panô têxtil costurado como expressão de si e um diário de campo da pesquisadora, materiais que foram analisados neste estudo. A discussão evidencia o tecer e as artesanias como possibilidades no desenvolvimento da pesquisa narrativa nas humanidades, e pode resultar em propostas de estudos que deflagram as potências das experiências do imaginar e do (re)criar.

O último artigo deste número de PDRES é de autoria de Stella Moreira de Souza e Lucimar Antunes de Araújo, ambas do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), e intitula-se "A representação do corpo gordo o desenho de moda: uma análise na perspectiva de uma pedagogia crítica". A pesquisa documental foi realizada a partir da análise de duas apostilas impressas, uma sobre o desenho da figura humana e outra sobre o desenho estilizado de moda, de um curso superior em *design* de moda da região Sul de Santa Catarina. O estudo sinaliza que há uma estreita relação entre a forma como o corpo é representado no desenho de moda e o padrão estético vigente na cultura, apontando para a necessidade de ampliar a representação de um corpo gordo nos ambientes acadêmicos, para tentar desconstruir sua estigmatização na cultura social.

Após a explanação sobre os 24 artigos científicos que compõe este número da Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade, agradecemos a todos/as /os/as autores/as e consultores/as *ad hoc* que contribuíram com a elaboração e avaliação dos textos, os quais resultaram na construção de novos conhecimentos acerca das relações de gênero no campo da educação, mais especificamente sobre a atuação de professores homens com crianças de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, além de outras temáticas relevantes para os/as pesquisadores e profissionais da educação.

Boa leitura!!!

Josiane Peres Gonçalves 

Editora-chefe de PDRES (2022)

Naviraí, 27 de maio de 2022